

A Cidade: Uma Reflexão Bíblico-Teológica Sobre A Missão Urbana Num Mundo Globalizado

THE CITY: A BIBLICAL AND THEOLOGICAL REFLEXION ABOUT URBAN MISSION IN GLOBAL WORLD

Gladston Pereira da Cunha*

RESUMO

O objetivo deste artigo é discorrer sobre a missão da Igreja no contexto urbano. O mundo atual é cada vez mais urbano e globalizado. Tal condição é um desafio para o cumprimento da missão da igreja. A igreja precisa ter uma visão bíblico-teológica da cidade para poder responder aos clamores e demandas de seus habitantes. A resposta da igreja implica na contextualização da mensagem do evangelho para a cidade.

PALAVRAS-CHAVES

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the mission of the church in the urban context. The world today is increasingly urban and globalized. This condition is a challenge to the fulfillment of mission of church. The church needs to have a biblical and theological view about the city in order to respond to the claims and demands of its inhabitants. The church's response implies in a contextualization of gospel message to the city.

KEYWORDS

INTRODUÇÃO

Desde a origem do cristianismo, a Igreja tem buscado cumprir a Grande Comissão de seu Senhor (Mt 28.19,20). Alcançar os indivíduos com o Evangelho da

* Doutor em Ministério (D.Min.) pelo Reformed Theological Seminary/Centro de Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. Mestrado em Teologia (Th.M) pelo Centro de Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. Graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: gcunha@ipb.org.br

Graça e fazer deles verdadeiros discípulos de Cristo têm sido um trabalho que envolve dedicação e compromisso. Neste propósito, a cidade surge como um desafio e uma oportunidade. Não é possível pensar no ministério de Paulo sem mencionar seu forte apelo urbano. Mas, e hoje? Como a Igreja deve agir hoje em relação à cidade?

O objetivo deste trabalho é discorrer sobre a missão da Igreja no contexto urbano, a partir de uma reflexão bíblico-teológica acerca da cidade. Contudo, a cidade que hoje existe é influenciada por um processo complexo denominado globalização. Sendo assim, torna-se necessário uma conceituação do processo da globalização, utilizando para isso autores ligados às ciências sociais e que abordam esse fenômeno.

Para atingir o objetivo proposto, a presente reflexão será dividida em quatro partes. A primeira parte conceituará a cidade, levantando argumentos que demonstrem como ela se tornou o que é, e, apontando os fatores que contribuíram para a sua formação. Também, neste capítulo, serão consideradas as diferentes visões que pensadores cristãos e não-cristãos ofereceram acerca da cidade, enquanto construção humana. Já a segunda parte desenvolver a temática urbana a partir da reflexão bíblico-teológica, propriamente dita, a fim de visualizar bíblicamente o aparecimento e desenvolvimento da cidade. Para essa visualização e posterior discussão, serão utilizadas as categorias bíblicas da criação e da queda. O objetivo é compreender bíblicamente como a cidade se tornou o que é, e como o cristão deve concebê-la e relacionar-se com ela. A terceira parte, por sua vez, abordará o fenômeno da globalização. Entre os autores que serão consultados com parâmetro de argumentação, é possível nomear Anthony Giddens e Malcolm Waters. Na sequência, as consequências da globalização para a cidade serão abordadas, com o objetivo de destacar aquelas consequências que se tornam desafios para a Igreja contemporânea. Por fim, a última parte abordará a categoria da redenção, a fim de demonstrar como a Igreja deve agir no contexto urbano, respondendo aos desafios impostos pela globalização, como agente transformador da cidade.

Considerando a extensão deste trabalho, alguns pontos não poderão ser tratados de forma mais ampla. Logo, esta reflexão não tem pretensão de ser exaustiva

no tratamento dos assuntos propostos. Além disso, a metodologia a ser utilizada é a pesquisa bibliográfica.

1. CONCEITUANDO A CIDADE: UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

1.1 A busca por um conceito

As Escrituras e as ciências sociais falam do ser humano como um ser sociável. É quase impossível pensar no homem vivendo fora de um contexto social. A primeira forma de convivência social é a família e, a partir dela, outras construções e convivências sociais são possíveis. É deste contexto que nasce a cidade. Pensando nisto, Maria Benedita Lima Della Torre escreveu: “*vivendo em sociedade, por sua própria natureza, o homem está em permanente interação com seu semelhante, estabelecendo relações sociais, adquirindo consciência grupal, criando cultura*”.¹

A declaração de Della Torre aponta para três aspectos importantes sobre a origem das cidades, enquanto sociedade humana, a saber:

1. Relações sociais;
2. Consciência grupal;
3. Criação cultural;

Em outras palavras, conceituar a ideia de cidade é conceituar a ideia de cidade, a partir dos três aspectos acima, bem como, sobre os desdobramentos dos mesmos. Isto porque, estes aspectos não são estáticos, ao contrário disso, são cada vez mais fluídos, interagindo entre si e formando uma cadeia de significação cada vez mais complexa. Logo, uma primeira constatação pode ser feita com vistas a uma conceituação de cidade: a cidade é resultado da interação humana na criação de uma sociedade que permita certo nível de identificação e solidariedade.

Contudo, Fustel de Coulanges, descrevendo o processo de origem das primeiras cidades ocidentais e mostrando que tais cidades eram um agregado de diferentes tribos, com suas leis, religiões e valores, afirma: “*a cidade não é um agregado de indivíduos, mas uma confederação de muitos grupos já anteriormente constituídos*

¹ DELLA TORRE, Maria Benedita Lima. *O homem e a sociedade – uma introdução à sociologia*. 11 ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1983. p.44,45.

e que a cidade deixa subsistir".² É neste sentido que, numa cidade, há certo nível de identificação e solidariedade, embora não haja uniformidade.

A busca por uniformidade nas cidades é ao impossível de se pensar. Isso se dá por uma razão simples: a cidade permite a existência, quase sempre pacífica, das diferenças. Há um certo grau de respeito e de liberdade no contexto urbano, o que permite que pensamentos diferentes e, até excludentes, compartilhem um espaço. Sendo assim, tanto na cidade antiga quanto na cidade contemporânea, há a permissão para a subsistência de subculturas que formam a sua cultura característica. Esta é uma segunda constatação útil para a conceituação que este trabalho pretende oferecer.

Se for fato que há tal permissão para a existência de pensamentos diversos, em certo grau de coexistência pacífica na cidade, é fato, também, que existe um grau de afastamento ou distanciamento entre eles. Della Torre³ fala deste distanciamento como sendo motivado por atitudes sociais específicas, entre elas o etnocentrismo e o preconceito.⁴ Exemplos de tais atitudes são frequentes nas páginas policiais dos jornais de grandes cidades. Isto revela a tênue permissividade social que determinados grupos urbanos possuem. Mas, também, revelam um problema com a alteridade. Compreender e respeitar o outro, suas experiências e sua cultura são o desafio do contexto urbano contemporâneo. Tzvetan Todorov, citando Emmanuel Lévinas, trata acerca da definição da época atual não a partir da tecnologia e da arte, mas pela compreensão do outro. Então, ele escreve: "a superação de si que requer a epifania do outro".⁵ Encontra-se aqui, uma terceira constatação para o conceito de cidade: A alteridade, ou seja, como as pessoas relacionam-se e compreendem-se no contexto urbano.

² COULANGES, Numa Denis Fustel De. *A cidade antiga*. São Paulo. Hemus. 1975. p.102

³ DELLA TORRE. *Op.Cit.*, p.52

⁴ Segundo Guimarães Rocha: "*Etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como o centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência*". Cf. ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo?* 5ªed. – Coleção Primeiros Passos, vol.124. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.7.

⁵ LÉVINAS, Emmanuel. *L'humanisme de l'autre homme* apud TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América – a questão do outro*. São Paulo. Martins Fontes. 1999. p.303.

Um último aspecto a ser tratado aqui é a utilização do espaço da cidade. Quando se fala em cidade, têm-se em mente as suas construções. A arquitetura da cidade revela muito da história e da cultura de um povo. Seguindo o pensamento de João Batista Vilanova Artigas, a arquitetura vai além desta mera reflexão e se torna influência no processo de produção industrial e dos avanços tecnológicos⁶. Logo, os processos produtivos estão a serviço arquitetura e da urbanização, influenciando a maneira como as pessoas vivem e se locomovem no ambiente urbano. Ao mesmo tempo, a forma de ocupação do espaço urbano revela valores, que podem ser percebidos e que vão desde a ocupação ordenada e planejada – Brasília – até a ocupação desordenada – favelas – desse espaço. Assim, a forma de ocupação do espaço urbano, aliado à estética arquitetônica aponta para a cidade como um organismo em constante movimento, reconstruindo e reinventando a cidade e seus habitantes.

Isso aponta para um cenário em constante mutação, que muda de acordo com as transformações sociais. Nisso encontra-se a explicação para a valorização de áreas proletárias, reurbanização de áreas centrais das grandes cidades e urbanização de favelas. Portanto, a última constatação a ser considerada é a cidade como um espaço geográfico que muda de acordo com a ideologia, a política, a produção de riquezas e a cultura dos indivíduos que nela habita.

A partir das constatações acima, uma conceituação possível é: a cidade é um espaço geográfico instável compartilhado por uma sociedade humana culturalmente plural, na qual grupos sociais diferentes convivem numa relação dialética de aproximação e afastamento.

O presente conceito pode não abarcar toda a realidade da cidade, mesmo porque, a realidade da cidade é muito complexa para uma definição que seja todoabrangente. Contudo, este conceito norteará o presente trabalho. Dele, destacamos os seguintes elementos conceituais:

1. O espaço geográfico;
2. A coexistência de grupos sociais;
3. A relação entre as diferentes formas culturais.

⁶ ARTIGAS, João Batista Vilanova. *Caminhos da Arquitetura*. São Paulo. Editora Cosac Naify. 2004. p.71.

A relação destes elementos aponta para a construção de uma cultura própria para cada cidade. Entende-se por cultura “todos os aspectos de uma realidade social”⁷, aquelas características comuns à uma sociedade específica. Ou, como disse Edward Tylor, “a cultura é a totalidade complexa que inclui o conhecimento, a crença, a arte, a moral, a lei, costumes e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”⁸. Isso quer dizer que, uma cidade possui características que são comuns a cada grupo social nela existente, ainda que se reconheça uma cultura peculiar em cada um deles. Mas, como a humanidade tem percebido a cidade? Quais são as suas impressões sobre ela? E, como os cristãos se posicionam?

1.2 Visões acerca da cidade

A história da humanidade projeta sobre a cidade certa ambiguidade. Sempre existiram aqueles que são entusiastas e outros que são pessimistas quanto à realidade urbana. Um exemplo disso é encontrado na obra *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz. Num dos diálogos da obra, há uma descrição negativa acerca da cidade. O poeta escreveu:

... a Cidade, a maior ilusão!... E a mais amarga, porque o homem pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria... Na Cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trêmulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem fibra, sem viço, torto, corcunda – esse ser em que Deus, espantado, mal pode reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão! Na Cidade findou a sua liberdade moral... Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na Cidade se desumanizam!... Mas o que a cidade mais deteriora no homem é a Inteligência, porque ou lha arregimenta dentro da banalidade ou lha empurra para a extravagância.⁹

Essa descrição negativa da cidade é comum em todo o desenvolvimento da história humana, principalmente nos escritos do séc. XIX, com o apogeu da Revolução Industrial que atraiu multidões para as cidades. O resultado disso foi a aglomeração de trabalhadores poderes, o aumento de enfermidades e o aparecimento

⁷ SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. 14 ed. São Paulo. Brasiliense. 1996. p.23

⁸ TYLOR, Edward Burnett. *Primitive Culture*. v. 1, 2ª ed. Londres: John Murray, Albemarle Street, 1873, p.1.

⁹ QUEIROS, José Maria de Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo. Hedra. 2006. p.125,126,127.

dos problemas urbanos, como o saneamento básico, educação, segurança, entre outros.

Contudo, a cidade sempre teve seus defensores e entusiastas. Ely Chinoy, fazendo uma análise entre os conceitos e sentimentos antagônicos quanto à cidade, argumentou que era comum estabelecer paralelos entre o que era negativo no modelo rural e o que era positivo no modelo urbano e vice-versa. Chinoy argumenta que “*as imagens que têm os homens do que é ou devia ser a cidade também influem nas maneiras por que procuravam construir ou reconstruir suas comunidades urbanas*”¹⁰. Sendo assim, há uma tendência de se descrever ou argumentar sobre a cidade a partir das experiências e impressões pessoais.

Isso, também, acontece no meio cristão. Não há entre os pensadores cristãos uma unanimidade acerca do papel que a cidade desempenha sobre a humanidade. Por exemplo, Jacques Ellul vê a cidade é a representação do mal, tendo como alvo tornar a Igreja cativa de seus engodos e malefícios, assim como Israel se tornou cativo da Babilônia. A cidade deve ser vista pela Igreja como uma inimiga a ser destruída e que o juízo de Deus implica na destruição das cidades. Daí ele afirmar: “*nós devemos lutar contra a cidade, destruí-la e revertê-la numa civilização rústica e agrícola. Se é verdade que há mais virtudes na vida no campo, nós devemos trazer os juízos de Deus com as nossas próprias mãos*”¹¹. Declarações como a de Ellul levantam uma questão: Até que ponto este pensamento arredo e negativo acerca da cidade está presente na mentalidade cristã contemporânea? Percebe-se, não de maneira conclusiva, que há uma tendência em ver os centros urbanos com certa suspeita e de ter uma preferência pelo trabalho interiorano. Se isso não é uma realidade no aspecto teórico, possivelmente, o é no aspecto prático. É comum ver comunidade nos grandes centros que tentam manter um *modus operandi* similar ao de cidades interioranas. Outro aspecto prático diz respeito à formação pastoral. Há pouca ou nenhuma preparação quanto à perspectiva ministerial em espaços urbanos.

Contrariando Elull, Raymond J. Bakke entende que o contexto urbano não é neutro, mas, também não é um inimigo. Ele entende que a cidade está sujeita a uma

¹⁰ CHINOY, Ely. *Sociedade – uma introdução à sociologia*. São Paulo. Cultrix. 2008. p.387.

¹¹ ELLUL, Jacques. *The meaning of the city*. Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1970. p.73.

série de variáveis que a modificam tanto para o bem quanto para o mal. Seguindo esta mesma visão, Robert Linthicum afirma: “*A cidade é o local de uma grande e contínua batalha entre o Deus de Israel e/ou a igreja contra o deus deste mundo*”¹². Tal batalha não deve ser entendida como a luta entre forças antagônicas, mas como as últimas investidas do império parasita satânico diante da ação conquistadora do Reino de Deus (Mt 16.18).

Este tipo de visão não entrega o controle total das cidades nas mãos do Diabo e não convoca a Igreja a uma reação contra tudo o que é urbano. Ao contrário, de maneira comedida, reconhece que a presença da Igreja na cidade manifesta a presença e o interesse de Deus em restaurar a cidade e conquistá-la para si.

A cosmovisão cristã, portanto, reconhece que há elementos malignos presentes na cidade, mas também deve compreender o desejo de Deus em redimi-la. Com isto em mente, Linthicum escreve: “*Porque só ao compreendermos tanto a natureza da bondade presente numa cidade como o seu mal poderemos verdadeiramente esperar entender a cidade para a qual Deus nos chamou, e as pessoas a quem devemos ministrar*”.¹³

Mas, como a cidade chegou a ser o que é hoje? Existem três perspectivas possíveis para responder essa pergunta: sociologia, antropológica e teológica. Considerando a extensão deste trabalho, a perspectiva a ser utilizada será a teológica. Então, a pergunta pode ser reescrita da seguinte forma: *Como as Escrituras descrevem o desenvolvimento da cidade até os dias de hoje?* Esta é a resposta a que se pretende chegar no próximo capítulo.

2. CONCEITUANDO A CIDADE: UMA PERSPECTIVA BÍBLICO-TEOLÓGICA

A teologia reformada tem usado três categorias para tratar o desenvolvimento do homem e da história, a saber: criação, queda e redenção. Pensar no ser humano fora destas categorias é correr o risco de apresentar uma perspectiva distorcida da realidade humana no contexto do reino cósmico. Este capítulo, portanto, abordará

¹² LINTHICUM, Robert. *Cidade de Deus, cidade de Satanás*. 2 ed. Belo Horizonte. Missão Editora. 1995. p.25

¹³ LINTHICUM. *Op.Cit.*, p.46

o tema cidade dentro destas categorias. Neste momento, porém, levar-se-á em consideração apenas as categorias acerca da criação e da queda. A categoria da redenção ganhará um capítulo a parte.

2.1 A Cidade: A perspectiva da Criação

A primeira menção escriturística acerca da humanidade está em Gn. 1.26-28:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a...

Esta declaração divina engloba os princípios básicos do propósito inicial de Deus para a obra prima da sua criação. Dentre eles, é possível destacar quatro princípios básicos:

- 1) A representação da Divindade pelo homem diante da natureza criada, inclusive aos seus iguais (*imago Dei*);
- 2) A construção de relacionamentos interpessoais, sendo o casamento o clímax do relacionamento entre o homem e a mulher;
- 3) A constituição familiar, como ponto de partida para o desenvolvimento de uma sociedade;
- 4) O desenvolvimento da natureza ao seu redor.

Dos princípios apontados acima, pelo menos dois deles indicam duas das três orientações dadas por Deus, em Gn.1.26-28, orientações estas que alguns teólogos reformados têm denominado de *Mandatos da Criação*, a saber: o mandato cultural e o mandato social. Gerard van Groningen descreve o mandato cultural como sendo a ação real do homem sobre a criação, como vice-gerentes do reino cósmico.

Segundo Van Groningen, o mandato cultural “era para o homem e a mulher exercitarem suas prerrogativas reais governando sobre o cosmos, desenvolvendo-o e simultaneamente mantendo-o”¹⁴. O mandato social, por sua vez, fala do relacionamento entre o homem e a mulher como modelo do relacionamento humano e a construção de novos relacionamentos a partir desenvolvimento da relação marido-

¹⁴ GRONINGEN, Gerard van. *Criação e Consumo*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2002. p.90.

mulher. Como disse van Groningen: “*este mandato provê a base divinamente ordenada para o casamento, para a família restrita e a família extensiva - os clãs, as nações e a comunidade da humanidade de todo o mundo*”.¹⁵

O fiel cumprimento de ambos os mandatos teria como conclusão lógica a formação de uma sociedade cada vez mais complexa até a constituição de cidades, cuja base seria a glória de Deus. Deste modo, o mundo seria uma extensão do jardim de Deus, vivendo amplamente os propósitos originais do Criador. Em resumo, a cidade estava nos planos do Deus Criador, através do desenvolvimento do reino cósmico.

2.2 A Cidade: A perspectiva da Queda

A Bíblia relata que houve uma descontinuidade na criação (Gn 3). Esta descontinuidade é denominada Queda. Ainda que o termo não apareça no texto bíblico, ele serve bem ao pensar teológico, uma vez que categoriza a condição do homem após o primeiro pecado, isto é, decair de um estado de santidade para um estado inferior de pecaminosidade. O Breve Catecismo de Westminster exemplifica esta ideia ao afirmar: “*Nossos primeiros pais, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, caíram do estado em que foram criados, pecando contra Deus*”.¹⁶

O texto bíblico traz o relato da história do progresso humano, a partir da descendência de Caim (Gn 4.17-22). Segundo o relato escriturístico, Caim edificou uma cidade (Gn 4.17). Alguns escritores vêem neste ato, um claro ato de rebeldia contra Deus e a criação de modelo humano em oposição ao Jardim do Éden e todo o propósito criador de Deus.

Da descendência de Caim, três nomes se destacam por suas contribuições para a humanidade, a saber, Jabal (v.20), Jubal (v.21) e Tubalcaim (v.22). O primeiro tornou-se celebre como o “dos que habitam em tendas e possuem gado” (v.20). O segundo, por ser “o pai de todos os que tocam harpa e flauta” (v.21). E, por fim, o terceiro tornou-se conhecido por ser “artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro” (v.22). Suas contribuições foram capazes de transformar o mundo de sua época e influenciaram o curso que ele tomaria a partir de então.

¹⁵ IBID., 91.

¹⁶ *Breve Catecismo de Westminster*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 1999. P/R 13.

Todo o desenvolvimento social, cultural e tecnológico hoje existente não seria possível sem a ação destas personagens.

Quanto à descendência de Adão, percebe-se que ela também se envolveu no processo de elaboração dos propósitos divinos contidos no mandato social e sua execução por sua parte. A ordem do trabalho após a Queda aponta para o uso sistemático da terra na agricultura (Gn 3.17-19). Mais adiante, no texto bíblico, encontra-se uma declaração de um descendente de Adão chamado Lameque, quando do nascimento de seu filho Noé. Ele disse: “*O SENHOR Deus amaldiçoou a terra, e por isso o nosso trabalho é pesado; mas este menino vai trazer descanso para nós*” (Gn 5.29 – NTLH). Tal declaração apresenta-se como evidência de uma agricultura familiar de subsistência, baseada no desenvolvimento de técnicas de manejo e preparação da terra, semente, mudas, além de ferramentas e outros elementos necessários para o plantio, o cuidado, a colheita e o armazenamento da safra.

Todos os elementos apresentados acima foram necessários para a constituição das primeiras cidades: produção de alimentos, manufatura de instrumentos para o trabalho agropecuário e para a defesa pessoal e patrimonial, além do desenvolvimento de moradias fixas ou semifixas e a sistematização de elementos de entretenimento e conforto pessoal. Sobre isso, van Groningen escreveu: “*o mandato cultural foi cumprido por ambas as linhagens da humanidade. O reino cósmico continuou como palco para isto (...)*”¹⁷.

O ser humano, ainda que caído, foi capaz de levar a sociedade humana a um desenvolvimento do mandato cultural. É fato que este desenvolvimento também é marcado pelo pecado. Daí os problemas típicos que assolam a humanidade como a riqueza dos donos dos meios de produção em detrimento da pobreza dos trabalhadores, a exploração exagerada dos recursos naturais não-renováveis e o crescimento desordenado dos centros urbanos e suas implicações ecológicas.

Contudo, o mandato social não teve o mesmo êxito. Van Groningen, a partir das Escrituras, descreve uma série de incidentes e comportamentos que comprometeram a sociedade humana, a saber: vingança (Gn 4.24), revolta social (Gn 6.1),

¹⁷ GRONINGEN, *Op. Cit.*, p.167.

violência (Gn 6.11) e casamentos que não honravam a Deus (Gn 6.1,2)¹⁸. Estes mesmos comportamentos podem ser vistos ao longo da história da humanidade, sendo elementos significativos para a perversão do mandato social. Nesta mesma perspectiva, Timothy Carriker, discorrendo acerca das implicações missiológicas da criação e da queda do homem, reconhece o ser humano como um pecador que carece da ação graciosa de Deus. Ele reconhece a sua incapacidade de cumprir os mandatos. Carriker afirmou que “*O homem caído é inclinado para a infidelidade no casamento, irresponsabilidade para com os filhos, falta de cuidado e preguiça no trabalho, e tratamento injusto para com o seu próximo. Não pode cumprir sua função de administrador da criação. Não pode aperfeiçoar a sociedade humana*”¹⁹.

Esta incapacidade humana devido ao pecado gerou uma cidade marcada pelo pecado e pela rebeldia a Deus. Um exemplo bíblico é Babel e a sua torre, uma cidade arquitetada e edificada para ser um monumento à glória e ao poder da humanidade e à rebeldia a Deus (Gn 11.1-9).

Esta caminhada pelo texto bíblico apresenta o desenvolvimento sociocultural da humanidade e, conseqüentemente, da cidade. Tal desenvolvimento reflete a degradação do mandato espiritual e uma constante alienação dos propósitos iniciais de Deus, para a humanidade. A cidade contemporânea é, em certa medida, o reflexo dos modelos de ajuntamento humano aqui citados. Elas são o centro do desenvolvimento humano caído, debaixo de uma influência real do pecado individual e coletivo.

Porém, mesmo assim, a cidade ainda está no contexto do reino cósmico criado por Deus. Quanto a isso, Michael Horton diz algo que dá a dimensão exata daquilo que deve ocupar a mente cristã sobre esta temática. Ele diz: “*contra aqueles que dizem que o mundo [e a cidade] pertence a satanás ou às forças do mal, o próprio Deus anuncia: ‘o mundo é meu, e quanto nele se contém’*”(Sl 50,12)”²⁰.

Sob a perspectiva da Queda, a cidade, como propósito divino para a socialização da humanidade, foi maculada pelo pecado, assim como todas as realizações

¹⁸ GRONINGEN, *Op. Cit.*, p.167.

¹⁹ CARRIKER, Charles Timothy. *Missão Integral – Uma Teologia Bíblica de Missão*. São Paulo. SEPAL. 1992. p.31.

²⁰ HORTON, *Op. Cit.*,176.

do homem desde a desobediência dos nossos primeiros pais. Afinal, todas as ambições e realizações humanas partem de uma natureza criada à imagem e semelhança de Deus e que, com o pecado, está borrada pelo mal. Não se pode afirmar que a cidade é inerentemente má ou boa, nem sequer, que ela é neutra.

O desenvolvimento da humanidade continua sendo o palco da ação de Deus, o desenvolvimento da humanidade traz o mal, mas também traz o bem! Em suas maquinações, o homem tem se afastado de Deus e criado para si uma gama de sistemas, ideologias e filosofias que construíram um contexto anti-Deus. Em cada período da história, isso se manifesta de maneira peculiar.

Por isso, antes de examinar a cidade a partir da categoria bíblica da redenção, é pertinente avaliar o momento atual que tem modificado a cidade. Este momento específico da história tem sido denominado de globalização. O próximo capítulo tratará acerca da globalização e de suas consequências para a cidade e a humanidade, apontando os desafios que a Igreja deverá enfrentar no contexto urbano de sua missão.

3. A CIDADE CONTEMPORÂNEA: A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO

3.1 Definindo globalização

Entre os especialistas, apresentar uma definição para a globalização é algo tão complexo quanto a própria globalização em si. Csaba Deák argumenta que o uso e difusão do termo globalização e de outros neologismos “*não é garantia de significado claro*”²¹. Há, portanto, uma variedade de conceitos e perspectivas, mas pouco ou nenhum consenso.

Por exemplo, Zygmunt Bauman argumenta de maneira pessimista acerca da globalização, tratando-a como “*nova desordem mundial*”²². Para ele a própria ideia de globalização carece de elementos concretos que determinem o que de fato ela é. A total ausência de controle sobre os processos globalizantes aponta para algo confuso e complexo.

²¹ DEÁK, Csaba. *Globalização ou crise global?* In: SCHIFFER, Sueli. *Globalização e Estrutura Urbana*. São Paulo. Editora Hucitec/FAPESP. 2004. p.21.

²² BAUMAN, Zygmunt. *Globalização – as consequências humanas*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1999. P.67

Contudo, algumas perspectivas acerca do assunto são comuns entre estudiosos deste fenômeno, dentre estas perspectivas, é possível destacar: a) perspectiva processual, ou seja, a globalização é um processo ou uma série de processos em andamento e não um evento acabado; b) perspectiva universal, isso significa que, seus efeitos são sentidos por todas as pessoas em todas as partes do mundo.

Uma definição de globalização é dada por Malcolm Waters. Ele diz: “Podemos, portanto, definir a globalização como um processo social através do qual diminuem os constrangimentos geográficos sobre os processos sociais e culturais”²³. Sua definição parte de uma perspectiva social, apresentando a globalização como a redução das distâncias entre as diferentes culturas, causando uma espécie de sobreposição, seguida por uma aceitação e uma final hibridação cultural. Waters afirma que o processo de globalização que o mundo tem enfrentado é um modelo europeu, sendo uma consequência direta do colonialismo europeu.²⁴

Por sua vez, para Anthony Giddens a globalização tem a ver com um processo de conexão das várias regiões do globo. Para ele, “A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”²⁵.

Isso significa que não é só o aspecto espacial que diminui e possibilita novas interações sociais, mas também que os eventos se tornam globais, pois seus desdobramentos atingem vários lugares ao mesmo tempo. Um exemplo recente desta realidade foi a crise imobiliária norte-americana, o estopim da crise financeira mundial em 2008.

Dentre as relações sociais fundamentais que caracterizam a globalização, Waters destaca três: a economia; a política; a cultura²⁶. Logo, os interesses econômicos de uma nação não dizem respeito somente a ela. Seus produtos não atendem apenas ao mercado interno e nem suas empresas tem em vista apenas o território nacional. Da mesma forma as instituições políticas não estão atentas a questões domésticas,

²³ WATERS, Malcolm. *Globalização*. Oeiras: Celta Editora.1999. p.3.

²⁴ WATERS, *Op. Cit.*, p.3.

²⁵ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo. Editora UNESP.1991. p.69

²⁶ WATERS *Op. Cit.*, p.7.

mas têm que tratar de questões internacionais, até mesmo na defesa de interesses frente a outras nações. E, a cultura, na mesma tendência tornasse influenciada e influenciadora, moldando gerações numa cultura cada vez mais hibridizada.

3.2 A consequências da globalização sobre a cidade

O que a cidade tem a ver com a globalização? Uma vez que a grande maioria da população mundial encontra-se vivendo nos centros urbanos, as cidades tornam-se por excelência, o palco do desenvolvimento do processo de globalização. São nos grandes centros que as multinacionais instalam suas filiais e escritórios, os governos internacionais estabelecem suas representações diplomáticas. É, neste grande palco, chamado cidade, que os símbolos culturais são apreendidos, trocados e hibridizados. E, claro, estes elementos formam um ambiente global no qual as pessoas vivem e interagem.

Falando acerca do significado da globalização para a sociedade como um todo, Giddens afirmou, que *“é um erro pensar-se que a globalização só diz respeito aos grandes sistemas, como a ordem financeira mundial. A globalização não é apenas mais uma coisa que ‘anda por aí’, remota e afastada do indivíduo. É também um fenômeno ‘interior’, que influencia aspectos íntimos da vida”*²⁷.

O que deve ser ressaltado desta afirmação é o caráter universal da globalização, ou seja, as suas consequências atingem todas as pessoas indistintamente. As áreas da vida tornam-se alvos dos processos globalizantes, de modo que, aquilo que é mais pessoal é influenciado. Logo, é na cidade que se sentem em primeira mão todos os movimentos do presente século, tanto os positivos quanto os negativos.

A própria reflexão de Giddens acerca da globalização apresenta algumas influências dos processos globalizantes. Algumas destas influências explicam o reaparecimento de identidades culturais, daí os diversos tipos de fundamentalismos, entre eles o religioso, que ganham força atualmente. Além disso, Giddens aponta para a criação de regiões econômicas e culturais dentro de nações, bem como o enriquecimento de países, em detrimento da miséria de outros.

²⁷ GIDDENS, Anthony. *O mundo na era da globalização*. Lisboa. Editorial Presença. 2000. p.23

Isso significa que os processos da globalização redesenharam os limites das nações. Consequentemente, eles redesenharam os limites da própria cidade. Um exemplo disso foi a adoção das Leis Islâmicas em Cortes especiais na Inglaterra²⁸. Logo, há a possibilidade de coexistência dentro de um espaço geográfico das leis do Estado e de leis religiosas de um determinado grupo, sendo que estas últimas ganham amparo legal da primeira. A cidade torna-se culturalmente plural em suas manifestações.

Também há a questão da riqueza e da pobreza. A globalização potencializou negativamente a desigualdade social em todo o planeta, sendo percebida de maneira mais intensa nos centros urbanos. Principalmente, nos grandes centros brasileiros é possível ver como a arquitetura pungente e refinada de edifícios comerciais ou residenciais contrasta com a arquitetura simples e grotesca das favelas. Sempre houve e sempre haverá pobreza no mundo (Mc 14.7), mas, a migração de indivíduos em busca de melhores condições nas cidades, aliado a outros fatores, tem gerado aparecimento de grandes bolsões de pobreza.

Contudo, o aparecimento de uma nova classe média e uma nova classe alta também é uma consequência pertinente à cidade contemporânea e globalizada. Alguns indivíduos de ascendência mais humilde, pelas possibilidades e oportunidades que surgiram no mundo global, alcançaram uma nova colocação na sociedade. Só no Brasil, nos últimos seis anos, houve um aumento significativo na proporção da sociedade e migrou de classe social, fazendo desta a mais classe social brasileira, agrupando 52% da população²⁹. No mesmo período a classe alta teve um crescimento de 37,02%.³⁰ Esses números apontam para uma sociedade que está em desenvolvimento social e econômico. Tal desenvolvimento gera uma mudança significativa de valores pessoais e questionamentos interiores.

²⁸ TAHER, Abul. *Revealed: UK' first official sharia courts*. Disponível em: <<http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/crime/article4749183.ece>>. Acessado em 08 de outubro de 2010.

²⁹ FRIEDLANDER, David; MARTINS, Ivan; MOON, Peter; MENDONÇA, Martha e MENDONÇA, Ricardo. *A nova classe média do Brasil*. Disponível em: <<http://www3.fgv.br/ibrecps/m3/midia/kc1219.pdf>>. Acessado em 08 de outubro de 2010.

³⁰ Classe Alta cresce 37%. Disponível em: <<http://www3.fgv.br/ibrecps/Clippings/lc2315.pdf>>. Acessado em 08 de outubro de 2010.

Seguindo outra linha de reflexão, Schreiter argumenta que a globalização, como processo da modernidade, trouxe consigo tanto benefícios quanto malefícios. Entre os benefícios, ele cita: “*maior prosperidade material, melhor assistência à saúde, mais oportunidades de educação formal, aumento da liberdade pessoal e da individualidade e a libertação de muitas restrições tradicionais*”³¹. Porém, ele cita os efeitos negativos, como: o materialismo consumista, o individualismo e a relativização dos valores pessoais³².

Os reflexos disso nos centros urbanos são visíveis, principalmente quando os benefícios e os malefícios da globalização são colocados lado a lado. O que se percebe, é que os alguns destes benefícios alcançados têm se deteriorado em malefícios, dentre eles é possível citar o materialismo e o individualismo.

Um trabalho interessante sobre a relação destes malefícios é apresentado por Esther Cabado Modia e Esdras Guerreiro Vasconcellos. Nele, ambos tratam sobre como a comunicação de massa, elemento típico da globalização, tem influenciado o indivíduo contemporâneo em sua subjetividade, o impulsionando ao consumismo. Eles afirmam:

A globalização, ao planejar as necessidades e desejos humanos em escala mundial, sacraliza o materialismo, o consumismo, o imediatismo e o culto aos objetos da moda. A globalização, conduzida pelas grandes corporações é, nesse sentido, uma das fontes externas fornecedoras da vacuidade da alma do sujeito.³³

O materialismo contemporâneo não é apenas um sistema filosófico ou científico seguindo modelos como de Gottfried Leibniz, Karl Marx ou Friedrich Engels. Ele é a maximização destes modelos de maneira mais prática, cujo consumismo é o fim objetivado, a partir das necessidades individuais. Neste sentido, as cidades tornam-se verdadeiros centros de consumo, no qual os grandes *shopping centers* tornam-se emblemáticos. Tudo na cidade tornar-se consumível, a fim de satisfazer o narcisismo de indivíduos vazios e espiritualmente carentes.

³¹ SCHREITER, Robert J. *A nova catolicidade*. São Paulo. Edições Loyola. 1998. p.10

³² Ibid., p.10.

³³ MODIA, Esther Cabado; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. *A globalização e a barbárie suave da civilização*. eGesta - Revista Eletrônica de Gestão de Negócios. Universidade Católica de Santos. Disponível em: < <http://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/31.pdf>>. Acessado em 02 de outubro de 2010.

Em suma, as consequências da globalização para a cidade apontam para a fragmentação e pluralização da cultura local, a disparidade social e o individualismo extremado. Tudo isso disputando espaço num estilo de vida apressado e urgente, no qual, muitos dos valores cultivados estão em desacordos com a vontade de Deus. Estas consequências tornam-se desafios para a Igreja Cristã. Afinal, ela se coloca [ou foi colocada] no contexto urbano como agência do Reino de Deus, com a missão de reconciliar as pessoas com Deus (2 Co 5.20). Tal reconciliação não retira as pessoas da cidade, mas muda a sua vida na cidade, para que se tornem transformadores do seu contexto. Cabe à Igreja responder as questões presentes de maneira coerente e contextualizada, com base nas Escrituras. Somente assim, ela se tornará relevante para o seu tempo e seu contexto. A partir desta ação, é possível falar sobre a redenção da cidade.

4. A CIDADE REDIMIDA: UM ENFOQUE SOBRE A MISSÃO CRISTÃ NO CONTEXTO URBANO

4.1 Conceito de redenção

Ao falar sobre redenção, alguns seguimentos do protestantismo têm em mente o aspecto individual, ou seja, a redenção em Cristo é destinada à pessoa. É importante também mencionar que, alguns destes seguimentos, abordam esta redenção pessoal sob aspectos meramente transcendentais e espirituais. Um exemplo disto está na pregação avivalista, arminiana e milenarista, assim resumida: “*Deus quer salvar a sua alma e te levar para o céu*”³⁴. O que se percebe, é que parte do cristianismo nutre uma visão dicotômica acerca da redenção que, em nenhum momento, faz menção à redenção da humanidade e da criação como um todo.

Por outro lado, o posicionamento reformado tem assumido uma postura hostil acerca da redenção em Cristo. Essa posição pode ser percebida, por exemplo, na seguinte afirmação do teólogo e pensador holandês Abraham Kuyper ele diz: “*O objetivo da obra de redenção não está limitado à salvação de pecadores individuais, mas estende-se à redenção do mundo, e à reunião orgânica de todas as coisas*

³⁴ Uma discussão sobre esta temática encontra-se em: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir*, 3ª ed. São Paulo. EDUSP. 2008.

no céu e na terra debaixo de Cristo como seu cabeça original".³⁵ Isto posto, percebe-se que Deus deseja redimir a sua criação e colocar toda esta criação novamente na perfeita ordem na qual foi criada. A redenção, portanto, não fala apenas sobre a salvação individual de pessoas, mas se estende a coletividade humana e a partir dela para todo o Cosmos. Logo, tanto o Cosmos, como criação divina, como as construções socioculturais humanas, que é a resposta da espécie humana aos divinos mandatos da criação serão redimidos por Deus, através da obra de Cristo.

Mas, o que seria redenção? Esse termo ocorre 12 vezes em toda a Escritura Sagrada, sendo que a maioria se encontra no Novo Testamento, principalmente, e nos escritos de Paulo. Do que se observa no meio cristão, há uma identificação o termo redenção com o termo salvação. Não é incomum o uso intercambiável destes termos, bem como o seu uso como sinônimos. Segundo o argumento de E.F. Harrison, o termo redenção é mais específico, uma vez que tem em si a apresentação dos meios pelo qual a salvação se concretiza, ou seja, "o pagamento de um resgate"³⁶. Continuando sua argumentação, Harrison afirma que em Paulo há um uso duplo do termo redenção, falando acerca de experiência presente e futura do crente com Cristo. Segundo ele, no presente, o homem é perdoado de seus pecados pelo pagamento realizado por Cristo que, no futuro, libertará para sempre o homem das debilidades e das corrupções atuais.³⁷

O termo redenção é usado, basicamente, para traduzir os termos hebraicos *pāda* e *gā'al*, e o termo grego *lytron* e derivados. A ênfase destes termos está na ideia de um pagamento com vista ao resgate de algo ou alguém (Ex 13.13,15; 30.13-16; Nm 35.19, Rt 4.6; Rm 8.23; Ef 1.7). Esta mesma ideia encontra-se presente quando o apóstolo Paulo escreve: "*Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras*" (1 Co 15.3). Isso significa que, a redenção é o ato realizado por Jesus Cristo para libertar a humanidade e o mundo do domínio do pecado, restaurando seu supremo senhorio sobre todas as coisas (Rm 8.20-24; 1 Pe 1.17-21; 1 Co 15.27,28).

³⁵ KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002. p.126.

³⁶ HARRISON, E.F. *Redentor, Redenção*. In: ELWELL, Water A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. vol. 3*. São Paulo. Vida Nova. 1990. p.246.

³⁷ *Ibid.*, p.247.

Seguindo esta perspectiva, Jonathan Edwards argumenta que a “obra da redenção é a obra que Deus tem realizado desde a queda do homem até o fim do mundo”³⁸. Para Edwards a obra da redenção está virtualmente finalizada e completada, porém, não atualmente, visto que Deus ainda continua aplicando a justiça de Cristo na salvação de pessoas em todo o mundo através das eras. Contudo, ele reconhece que Deus, ao longo das eras, não está simplesmente renovando ou repetindo os mesmos efeitos do passado, mas tem usado de ações sucessivas num esquema maior para atingir os seus objetivos.³⁹

Isso é significativo para a missão urbana. Porquanto a redenção, como obra de Deus, tem se desenrolado no decorrer da história e atingido o ser humano caído no seu contexto de tempo, espaço e em outras condições específicas. Qualquer que tenha sido essa era ou como ela será, além de todas as suas peculiaridades, Cristo se apresenta como o Redentor. Logo, a mesma redenção aplicada nos dias apostólicos está disponível nos dias de hoje, alcançando o homem contemporâneo, num mundo globalizado, de maneira criativa e igualmente poderosa.

A mensagem da redenção, portanto, é a mensagem da libertação pelo sangue de Cristo de todos os rudimentos deste mundo e de todos os procedimentos fúteis de uma vida sem Deus (Cl 2.8-16; 1 Pe 1.19). Isso se aplica perfeitamente a realidade do meio urbano globalizado e suas pressões. Neste sentido, a redenção em Cristo aplicada ao homem o liberta das amarras de sua era e, conseqüentemente, transforma o seu meio pela vivência do Evangelho de Cristo. A redenção da cidade está inserida no esquema maior da obra redentora de Deus.

4.2 Redimindo a cidade

Mas, por que redimir a cidade? Como foi dito anteriormente, a ideia da cidade estava implícita na criação da humanidade e nos mandatos da criação. A cidade é o desenvolvimento lógico destes mandatos. Linthicum vai além de um desenvolvimento lógico, ele argumenta que a cidade é uma criação de Deus, ele escreve: “O mundo inteiro pertence ao Senhor incluindo a cidade. Ela foi feita pela mão de

³⁸ EDWARDS, Jonathan. *The Works of President Edwards. Vol. 2.* Worcester: Isaiah Thomas. 1808. p.12.

³⁹ *Ibid.*, p.17,18.

Deus, porque Deus deu à humanidade a capacidade de criar a cidade”⁴⁰. Para Linthicum, então, a cidade é uma obra da mão de Deus através da ação do homem. Guardadas as devidas proporções, é possível afirmar que a cidade deve ser redimida porque ela faz parte do projeto divino, a fim de manifestar seu governo sobre todas as coisas.

Neste contexto, a Igreja é a agente para a transformação da cidade. Assim, Howard Snyder afirmou que “a Igreja é o Corpo de Cristo, a comunidade do Espírito Santo, o povo de Deus. É a comunidade do Rei e, no mundo, agente do plano divino de reconciliar todas as coisas”⁴¹. Ora, se a redenção da Igreja é realizada objetivamente pelo Redentor Jesus Cristo, compete ao seu corpo místico dar continuidade à sua obra redentora, tanto no aspecto presente quanto no aspecto futuro, aplicando-a no contexto da cidade.

Talvez, pensando nisto, Jaime Montgomery Boice escreveu algo oportuno sobre a transformação da sociedade. Ele afirma:

Os reformadores tiveram várias perspectivas nessa área, dependendo da extensão como acreditam que a transformação seja possível. Mas, no geral, concordam com duas coisas. Primeira, nós somos chamados para estar no mundo e não para nos afastarmos dele. Isso separa os reformadores crentes do monasticismo. Segunda, nós devemos alimentar os famintos, vestir os despidos e visitar os prisioneiros. Mas as principais necessidades das pessoas são espirituais, e a obra social não é substituto adequado para a evangelização.⁴²

É fato que a Igreja está no mundo. E, é neste mundo que ela deve cumprir sua missão. A fidelidade à missão e ao Senhor da missão sempre conduzirá a Igreja à compreender o seu papel na sociedade. Logo, as palavras de Jesus dão um peso expressivo neste aspecto: “*Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal*” (Jo 17.15). Os reformadores perceberam essa realidade e envolveram-se com o mundo ao seu redor, não um envolvimento com um fim em si mesmo, mas com um fim maior, a demonstração visível do evangelho da graça de Deus. Um

⁴⁰ LINTHICUM, *Op. Cit.*, p.43.

⁴¹ SNYDER, Howard A. *A Igreja no plano de Deus*. In: WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo. Vida Nova. 2009. p.157

⁴² BOICE, James Montgomery. *Teologia Reformada*. In: Bíblia de Genebra. Barueri e São Paulo: SSB e Editora Cultura Cristã, 1999.

exemplo disso é a ação diaconal da Igreja em Genebra, nos dias de João Calvino⁴³. Tal transformação não deve ser compreendida como atingir a perfeição total, mas como a promoção de valores que glorificam a Deus. Deste modo, Horton clarificou esta ideia ao afirmar: “*nenhuma cidade terrena pode ser confundida com uma civilização piedosa ou com o Reino de Deus*”⁴⁴. De maneira prática, a ação transformadora de Deus através da Igreja, manifesta-se como a restrição da maldade no contexto da sociedade.

Considerando os desafios que uma cidade globalizada apresenta diante da Igreja contemporânea, é possível traçar algumas diretrizes de ação. Estes desafios foram apresentados anteriormente e são: o individualismo, as questões sociais e a cultura. Quanto ao individualismo, como a Igreja deve agir?

Falando acerca da missão integral da Igreja, René Padilha afirma: “*Nesta era de individualismo, é preciso recuperar esta perspectiva comunitária e missiológica*”⁴⁵. Num contexto urbano no qual o indivíduo fica cada vez mais enclausurado em seu mundo, a Igreja precisa tratar com muita atenção os relacionamentos. Recuperar a perspectiva comunitária é reviver o modelo eclesial vivido em At 2.42-47, principalmente, salientando o relacionamento interpessoal como meio de se cumprir a missão.

A globalização que exige da pessoa produtividade, responsabilidade e sucesso pessoal, é a mesma que o transforma num indivíduo que troca seus valores pessoais pelo sistema de valores imposto pela sociedade. Como disse Schreiter, “*enquanto os processos globalizantes homogeneízam o mundo, eles criam, ao mesmo tempo, um sentido intensificado do particular*”⁴⁶. Este sentido intensificado e extremado do particular isola as pessoas em sua interioridade. Os relacionamentos de natureza profunda são desestimulados em nome de uma projeção social e ou funcional mais rápida. Em nome de remunerações e gratificações, os relacionamentos existentes são sacrificados, gerando crises familiares e a destruição de famílias. Também, há

⁴³ Para uma melhor abordagem do tema ver: MATOS, Alderi Souza. *Amando a Deus e ao próximo: João Calvino e o diaconato em Genebra*. In: *Fides Reformata*. Vol.2. p. Julho-Dezembro de 1997.

⁴⁴ HORTON, *Op.Cit.*, p.184.

⁴⁵ PADILLA, C. René. *O que é missão integral*. Viçosa. Ultimato. 2009. p.57

⁴⁶ SCHREITER, Robert J. *A nova catolicidade*. São Paulo. Edições Loyola. 1998. p.23

uma profunda diminuição do compromisso com o coletivo e com as causas grupais, em geral. Na sequência, vem a solidão, que é ao mesmo tempo uma opção e um resultado de escolhas patrocinadas pelo estilo de vida urbano global, marcado pela impessoalidade e distância.

Sobre isso, Jean Vanier escreveu: “*as cidades... são feitas de vizinhos que se ignoram. Cada um fecha-se, com medo, atrás das paredes de sua casa*”⁴⁷. Esta constatação revela a dura realidade de se acessar as pessoas no contexto urbano. Contudo, nem mesmo a frieza dos condomínios, a pobreza das favelas e a impessoalidade relacional são capazes de destruir a humanidade e a sociabilidade que há dentro de cada indivíduo.

Assim, o evangelismo relacional ou evangelismo por amizade torna-se um instrumento útil neste contexto. O evangelho passa a ser apresentado não como um sistema religioso ou conjuntos de crenças, mas como um estilo de vida baseado em Cristo Jesus. O desafio da Igreja, portanto, é a busca criativa e piedosa por oportunidades de compartilhar a fé em Cristo, de maneira pessoal, atingindo a necessidade das pessoas em se sentirem como parte de um todo, no qual são aceitas, amadas e desafiadas a envolver-se em algo maior (Rm 8.29). Em outras palavras, a Igreja deve trazer as pessoas à comunhão dos santos e da vida comunitária, afinal, “*a missão de Deus para a cidade é reclamá-la como espaço comunitário a serviço da vida*”⁴⁸. Tal abertura e envolvimento conduzem à preocupação com o outro. Consequentemente, no envolvimento com as questões sociais.

A Igreja precisa de posicionar-se quanto ao aspecto social, principalmente, no que diz respeito às diferenças socioeconômicas [pobreza e riqueza]. Isso não quer dizer ela precisa fazer uma opção pelos pobres ou pelos ricos. Tal tipo de ideologia não encontra suporte nas Escrituras. O próprio Jesus deixou o alvo a ser buscado nesta questão, ao dizer: “*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos*” (Mt 5.6). A justiça deve ser buscada em todos os aspectos da vida, inclusive, no social.

⁴⁷ VANIER, Jean. *Comunidade: Lugar do perdão e da festa*. 3 ed. São Paulo. Paulinas. 1982. p.12.

⁴⁸ HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*. Curitiba. Encontro. 2007.p. 72.

A questão social é uma questão controversa. É válido lembrar que a teologia da libertação teve uma forte parcela de culpa quanto a isso. Tanto no Brasil quanto na América Latina, até algum tempo atrás, havia uma preocupação e certa desconfiança com comunidades e líderes cristãos que se envolviam com ação social. Talvez, por isso, a Igreja evangélica brasileira desenvolveu-se de maneira muito tímida esta área. Porém, o que se percebe ultimamente, é que tem havido por parte da Igreja brasileira uma tendência de se desenvolver projetos que visam a justiça social. Tais projetos somam-se a tantos outros no contexto urbano, numa tentativa de mudar o cenário caótico produzido pela miséria nos grandes centros.

Contudo, Timóteo Carriker faz um alerta. Ele argumenta que a Igreja precisa estar disposta a agir com ênfase nas necessidades da cidade e não em seus problemas. Tal argumento baseia-se no fato de a Igreja, com toda a boa intenção do mundo, ataca os problemas sociais e não as necessidades que geram estes problemas. Isso significa que, a Igreja age contra a fome, mas não contra os mecanismos que geram a condição de fome, como a falta de emprego e renda⁴⁹. Segundo Carriker, devido a essa atitude, “*a Igreja, na melhor das hipóteses, será culpada de paternalismo*”⁵⁰, o mesmo paternalismo que é muitas vezes criticado na ação social do Estado. Esta postura paternalista e protetora que a Igreja corre o risco de assumir não possui um poder transformador real. Se não há transformação social através do ministério da Igreja na sociedade, é possível afirmar que a Igreja não está cumprindo a sua missão como deveria.

Cabe à Igreja, então, como agente do Reino de Deus, empenhar-se para que haja justiça social. Neste aspecto, ela deve portar-se como o profeta que aponta o pecado e os exageros de um contexto corrupto e corruptor que está na cidade, mostrando que a única solução está em voltar-se para Lei de Deus, como princípio norteador de toda ação verdadeiramente benéfica para a totalidade do povo. “*Se a Igreja não enfrentar os sistemas e estruturas, do mal na cidade, não haverá transformação efetiva nas vidas dos indivíduos dessa cidade*”⁵¹. Este envolvimento

⁴⁹ CARRIKER, C. Timóteo. *Proclamando boas-novas*. Brasília. Editora Palavra. 2008. p.132,133

⁵⁰ Ibid., p.133.

⁵¹ LINTHICUM. *Op.Cit.*, p.53

aproximará a Igreja da sociedade, de modo que ela se verá imersão em ambientes culturais distintos, dentro de um mesmo contexto. É nesta babel cultural que a Igreja terá de encarar o desafio da transculturalidade.

O autor Raymond Bakke estabeleceu o que ele tem chamado de cinco teses sobre missões urbanas. A primeira tese propõe que a missão urbana é uma missão transcultural. As fronteiras para a missão da Igreja deixam de ser geográficas e se tornam culturais. Segundo Bakke, “*a cidade é o lugar onde as nações estão se ajuntando*”⁵². Num mundo globalizado se fala em culturas. Como foi visto anteriormente, a convivência de diferentes culturas dentro dos limites de uma cidade, desenharam um cenário plural e multiétnico. É exatamente neste ambiente múltiplo que o Evangelho de Cristo deve ser anunciado.

Porém, diante deste cenário plural, Bruce Nicholls faz um alerta:

Os comunicadores evangélicos frequentemente subestimam a importância dos fatores culturais na comunicação. Alguns se preocupam tanto com a preservação da pureza do evangelho e das suas formulações doutrinárias que têm sido insensíveis aos padrões de pensamento e comportamento culturais das pessoas às quais proclamam o evangelho⁵³.

Isso se torna um problema para a Igreja, no contexto urbano. Ela não sabe trabalhar transculturalmente no ambiente urbano. Logo, erros que foram comuns nos campos missionários durante os séculos passados, agora são repetidos nos centros urbanos. O resultado disso é que a Igreja se torna incapaz de comunicar o Evangelho de maneira relevante dentro dos seus limites territoriais.

Esta subestimação é uma herança do modelo missiológico moderno, influenciado pelo iluminismo. Tal modelo ainda parece nortear algumas estratégias utilizadas por Igrejas locais. Ela se baseia em considerar a cultura alheia como inferior, a ponto de impor ao outro a sua própria cultura como sendo o modelo cultural recomendado pelo Evangelho. Argumentando sobre este modelo missiológico, David Bosch, aponta para seus pressupostos, suas falhas e reconhecendo que em meio a toda a confusão conceitual, havia quem se compreende que o cristianismo e a cultura ocidental não eram sinônimos⁵⁴. Isso, de certa forma, demonstra como a Igreja

⁵² BAKKE, Raymond J. *Urbanization and evangelism: a global view*. In: CONN, Harvie M. at alli. *The urban face of mission*. New Jersey. P&R Publishing. 2002. p.39.

⁵³ NICHOLLS, Bruce. *Contextualização: Uma teologia do Evangelho e Cultura*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova. 1983. p. 8

⁵⁴ BOSCH, David. *Missão Transformadora. 2 ed.* São Leopoldo. Sinodal. 2007. p.353-362.

é tendenciosa a menosprezar o aspecto cultural e em lidar com as transformações que ocorrem ao seu redor. Se a Igreja contemporânea deseja alcançar a sua cidade, ela precisará rever seus paradigmas e modelos missiológicos.

Sobre a cultura, é preciso ressaltar que ela “dá significado às experiências humanas, ao selecioná-las e organizá-las. Ela refere-se, em sentido amplo, mais as formas através das quais as pessoas dão sentido a sua vida”⁵⁵. Sendo isso verdade, é impossível dissociar a pessoa de sua cultura. No entanto, há que se considerar o que fora dito pelo missionário e antropólogo Ronaldo Lidório, isto é, que “*O pecado é cultural – ele não ocorre em um plano supra humano [sic.] mas brota do coração do homem envolto em seus conceitos e costumes... manifesta-se culturalmente e o homem, em sua cultura, necessita de redenção*”.⁵⁶

Isso é válido tanto para quem proclama o Evangelho quanto para quem o recebe. Logo, antes de anatematizar as culturas contemporâneas e todas as suas manifestações, é preciso entender o seu funcionamento e como Cristo pode ser apresentado nela. Percebe-se que não é sem motivo que Raymond Bakke defende o estudo da história da Igreja da perspectiva transcultural e o estudo da missiologia de autores que se preocupam em compreender a cultura e para encontrar as pontes para a pregação do evangelho. O objetivo disso é a preparação de uma igreja que possua uma visão transcultural de sua missão⁵⁷.

Além disso, é válido ressaltar sobre como Cristo se relaciona com a cultura. Uma das obras clássicas que aborda a questão é Cristo e a Cultura, de H. Richard Niebuhr. Em sua obra, Niebuhr oferece cinco abordagens do tema, optando pela última, ou seja, Cristo o transformador da cultura. Por sua vez, Michael Horton se propõe a analisar as abordagens de Niebuhr, faz suas críticas e oferece sua proposta: a combinação de ‘Cristo e a cultura em paradoxo’ com o ‘Cristo transformador da

⁵⁵ ROSALDO, Renato. *Culture and Truth: The Remaking of Social Analysis*. apud DRISCOLL, Mark. *Reformissão*. Niterói. Tempo de Colheita. 2009. p.93.

⁵⁶ LIDÓRIO, Ronaldo de Almeida. *Comunicação Missionária: Comparando a Cultura Ocidental com a Cosmovisão Konkomba*. São Paulo: Junta de Missões Estrangeiras/Igreja Presbiteriana do Brasil, 1998, p.33.

⁵⁷ Ver BAKKE, *Op. Cit.*, p.38,39.

cultura'. Ele afirma: “*os que aderem às duas posições precisam uns dos outros, porque este mundo é do Senhor, e no entanto, aqui não é o meu lar*”⁵⁸.

Tal perspectiva corrobora com a missão da Igreja urbana ao compreender que, ao mesmo tempo em que Cristo condena os elementos demoníacos da cultura, não aceitando qualquer tipo de mistura ou hibridação, mas, também, se apresenta como o transformador e o redentor dessa cultura.

Assim, para o desenvolvimento de uma missão urbana, Igreja contemporânea precisa atentar-se para o evangelismo e buscar paradigmas que sejam eficazes do ponto de vista da apresentação do evangelho ao indivíduo urbano do séc. XXI. Neste sentido, Paul Hiebert apresenta a sua colaboração ao desenvolver seis temas que, segundo ele, deveriam ser tomados como paradigmas globais para a evangelização:

- 1) Um foco no evangelismo como, antes de tudo, a missão de Deus;
- 2) O centro da mensagem é a vinda do Reino de Deus;
- 3) Devemos rejeitar o individualismo extremo do passado que define salvação apenas em termos pessoais;
- 4) Devemos contextualizar a mensagem e os métodos de evangelismo para que as pessoas possam ouvir o evangelho de maneira que entendam;
- 5) Devemos rejeitar a fé em nossa habilidade humana para construir um mundo melhor através de nossos esforços;
- 6) Devemos evitar a arrogância, a manipulação e a coerção no evangelismo⁵⁹.

Os paradigmas acima, de certa forma, demonstram a fragilidade da proclamação do Evangelho de Cristo nos dias atuais. Eles também revelam alguns vícios que a Igreja, frutos de um evangelicalismo que se perdeu em meio às confusões de um mundo em confusão. Tomar tais paradigmas é reconhecer que o tempo de ação da Igreja é agora e que o cumprimento da missão no contexto urbano é uma questão de urgência.

⁵⁸ HORTON, Michael S. *O Cristão e a Cultura*. São Paulo. Cultura Cristã. 1998. p.51.

⁵⁹ HIEBERT, Paul. *Globalization as Evangelism*. In: EVANS, Alice Frazer, et alli. *The Globalization of Theological Education*. Maryknoll: Orbis Books. 1993. p.73-75.

Resumindo, redimir a cidade é trazer as pessoas a um concerto com Deus, transformando-as em agentes de transformação de seu meio social, cultura e profissional. Afim de que elas apliquem nestes meios os benefícios da redenção de Cristo, que é cabe de libertar o homem e os sistemas humanos da influência do mal, para o bem da coletividade. A Igreja deve agir assim até a manifestação da nova Jerusalém, esta sim, uma cidade perfeita onde habita a plenitude de Deus e a plenitude da justiça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta reflexão, reconheceu-se que perspectiva cristã acerca da cidade deve ser tal, que não menospreze o fato de que Deus tem um propósito para ela. O fato de a cidade, enquanto aglomeração humana sistemática, ter surgido no contexto da Queda, não faz dela um terreno do Diabo ou do mal. Pelo contrário, ela é um lugar para a manifestação da graça de Deus. Como parte do reino cósmico, a cidade está debaixo do governo, cuidado e preservação de divina. Nem mesmo a globalização e seus efeitos, quer os positivos quer os negativos, são capazes de diminuir o poder e o alcance do Evangelho. Em suma, Deus tem um propósito redentivo para a cidade e seus habitantes, em qualquer tempo ou era.

A urbanidade que caracterizava dos dias de Paulo, em alguns aspectos, não lembra em nada as metrópoles atuais. Apesar disso, era um desafio para o ministério particular do apóstolo, bem como, para o ministério da Igreja primitiva. Considerando os registros bíblicos de Atos dos Apóstolos e das epístolas paulinas, bem como a história do cristianismo dos primeiros séculos, é possível afirmar que a Igreja obteve o sucesso no seu papel transformador da sociedade. Em contrapartida, outros aspectos da urbanidade dos dias apostólicos estão presentes na atualidade. Provavelmente numa proporção maior e mais degradados pelo pecado. Guardadas as devidas proporções, se no passado foi possível para a Igreja cristã contextualizar a sua mensagem e influenciar o seu contexto, também, é possível para a Igreja contemporânea.

O que se percebe é que os desafios do mundo globalizado também criam possibilidades ou oportunidades para proclamação do Evangelho de Cristo. Se o individualismo é um desafio e o seu resultado é a solidão, a mensagem cristã torna-

se oportuna ao coração humano solitário, ao apresentar um Deus que ama incondicionalmente e aceita o ser humano pecador como filho, com base na obra redentora de Cristo. Agora, se o problema é a justiça social, em Cristo é possível encontrar as verdadeiras bases para se pregar e defender a justa distribuição de renda, o uso dos recursos públicos para o atendimento indistintamente a toda a população, além do acesso de todos à saúde, educação, cultura e lazer. Ao mesmo tempo, a pluralidade cultural e a constante interação entre os diferentes matizes culturais criam um ambiente no qual o Evangelho é acessível a todos, não como algo a ser assimilado, mas como transformador e libertador.

Assim sendo, o que falta é a ação da Igreja em dirigir-se sua atenção para as pessoas ao seu redor, no seu contexto urbano. Sobre isso, Linthicum disse que “*é incumbência dos cristãos de nossos dias reconhecer e aceitar entusiasticamente o desafio do novo mundo emergente. Deus está chamando a Igreja para dentro da cidade. O nosso mundo está se tornando um mundo urbano e esta é uma tendência irreversível*”⁶⁰.

Esta incumbência chama os cristãos a revistar os mandatos da criação como base para a sua ação. Que o pecado é um agravante para a perfeita realização da vontade de Deus, é sabido. Contudo, a busca cristã em todas as esferas da vida é a glória de Deus (1 Co 10.31). Esta glória será manifestada em sua perfeição na consumação do século (Ap 21.1-5). Até lá, o desejo da Igreja no mundo contemporâneo deve ser: “venha o teu Reino” (Mt 6.10).

Sendo assim, a Igreja no cumprimento de sua missão no contexto urbano deve:

- 1) Conhecer o seu Deus e Senhor, bem como a sua vontade revelada nas Escrituras, através de uma exegese e de uma hermenêutica equilibrada, que garantam uma contextualização da sua mensagem sem comprometer o seu conteúdo;

⁶⁰ LINTHICUM. *Op. Cit.*, p. 20

- 2) Dialogar com o seu tempo, não numa atitude leviana, mas apresentando suas considerações sem parcialidades, sobre os temas que afligem a humanidade, demonstrando uma preocupação legítima e verdadeira com a sua realidade;
- 3) Ser criativa nas suas ações, agindo na vanguarda do seu tempo, assim como foram os cristãos dos primeiros séculos, tornando-se o referencial para a construção de uma sociedade melhor.

Atitudes como estas tendem a criar espaços para a apresentação do Evangelho, quer direta ou indiretamente. Elas podem ou não surtir efeitos num espaço curto ou longo de tempo. Porém, é certo, que demonstrarão o interesse de Deus e da Igreja por este mundo e suas instituições, além de reforçar o papel da Igreja como agência do Reino de Deus no mundo e na cidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Caminhos da Arquitetura. São Paulo. Editora Cosac Naify. 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização – as consequências humanas. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1999.
- BOICE, James Montgomery. Teologia Reformada (ver notas da Bíblia de Genebra).
- BOSCH, David. Missão Transformadora. 2 ed. São Leopoldo. Sinodal. 2007.
- Breve Catecismo de Westminster. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 1999.
- CARRIKER, Charles Timothy. Missão Integral – Uma Teologia Bíblica de Missão. São Paulo. SEPAL. 1992.
- _____, Charles Timothy. Proclamando boas-novas. Brasília. Editora Palavra. 2008.
- Classe Alta cresce 37%. Disponível em: <<http://www3.fgv.br/ibrecps/Clippings/lc2315.pdf>>. Acessado em 08 de outubro de 2010.
- CONN, Harvie M. at alli. The urban face of mission. New Jersey. P&R Publishing. 2002.
- COULANGES, Numa Denis Fustel De. A cidade antiga. São Paulo. Hemus. 1975.
- Dados sobre a população brasileira. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/brasil_populacao.htm>. Acessado em 10 de agosto de 2010.
- SCHIFFER, Sueli. Globalização e Estrutura Urbana. São Paulo. Editora Hucitec/FAPESP. 2004.

- DELLA TORRE, Maria Benedita Lima. *O homem e a sociedade – uma introdução à sociologia*. 11 ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1983.
- DRISCOLL, Mark. Reformissão. Niteroi. Tempo de Colheita. 2009.
- EDWARDS, Jonathan. *The Works of President Edwards*. Vol. 2. Worcester. Isaiah Thomas. 1808.
- ELLUL, Jacques. *The meaning of the city*. Grand Rapids. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1970.
- ELWELL, Water A. *Enciclopedia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. vol. 3. São Paulo. Vida Nova. 1990.
- EVANS, Alice Frazer, at alli. *The Globalization of Theological Education*. Maryknoll. Orbis Books. 1993.
- FRIEDLANDER, David; MARTINS, Ivan; MOON, Peter; MENDONÇA, Martha e MENDONÇA, Ricardo. *A nova classe média do Brasil*. Disponível em: <<http://www3.fgv.br/ibrecps/m3/midia/kc1219.pdf>>. Acessado em 08 de outubro de 2010.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo. Editora Unesp. 1991.
- _____, Anthony. *O mundo na era da globalização*. Lisboa. Editorial Presença. 2000.
- GRONINGEN, Gerard van. *Criação e Consumação*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2002.
- HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*. Curitiba. Encontro. 2007.
- HORTON, Michael S. *O Cristão e a Cultura*. São Paulo. Cultura Cristã. 1998.
- KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 200
- LIDÓRIO, Ronaldo de Almeida. *Comunicação Missionária: Comparando a Cultura Ocidental com a Cosmovisão Konkomba*. São Paulo: Junta de Missões Estrangeiras/Igreja Presbiteriana do Brasil, 1998.
- LINTHICUM, Robert. *Cidade de Deus, cidade de Satanás*. 2 ed. Belo Horizonte. Missão Editora. 1995.
- MIRANDA, Ângelo Tiago de. *Urbanização do Brasil: consequência e características das cidades*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/geografia/ult1701u57.jhtm>>. Acessado em 10 de agosto de 2010.
- MODIA, Esther Cabado; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. *A globalização e a barbárie suave da civilização*. eGesta - Revista Eletrônica de Gestão de Negócios. Universidade Católica de Santos. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/31.pdf>>. Acessado em 02 de outubro de 2010.
- NICHOLLS, Bruce. *Contextualização: Uma teologia do Evangelho e Cultura*. São Paulo, SP: Edições Vida Nova. 1983.
- PADILLA, C. René. *O que é missão integral*. Viçosa. Ultimato. 2009.
- QUEIROS, José Maria de Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo. Hedra. 2006.

SANTOS, José Luiz. O que é cultura. 14 ed. São Paulo. Brasiliense. 1996.

SCHREITER, Robert J. A nova catolicidade. São Paulo. Edições Loyola. 1998.

TAHER, Abul. *Revealed: UK' first official sharia courts*. Disponível em: <<http://www.timesonline.co.uk/tol/news/uk/crime/article4749183.ece>>. Acessado em 08 de outubro de 2010.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América – a questão do outro. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

VANIER, Jean. Comunidade: Lugar do perdão e da festa. 3 ed. São Paulo. Paulinas. 1982.

WATERS, Malcolm. Globalização. Oeiras. Celta Editora. 1999.

WINTER, Ralph D. HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. *Perspectivas no movimento cristão mundial*. São Paulo. Vida Nova. 2009.